

Editorial

Revista Digital de Ensino de Filosofia – ReFiLo - Volume 1 – Número 02 – jul./dez. 2015.

Prezados leitores,

Ao findar o ano de 2015 disponibilizamos o segundo número da Revista Digital de Ensino de Filosofia - ReFiLo. Como uma revista semestral, criada neste ano, nossa meta era conseguirmos publicar os dois números, de forma a logramos em breve seu ISBN, para então seguirmos em frente buscando seu aprimoramento. Estamos felizes por termos alcançado nosso objetivo e, por isso, agradecemos aos colegas que acreditaram na ideia e enviaram seus textos, mesmo tendo ciência das dificuldades e desafios que acompanham a criação e manutenção de uma Revista. Os artigos aqui reunidos abordam a temática do ensino de filosofia por diferentes perspectivas, demonstrando que esse é um espaço próprio para a reflexão e a crítica, constituindo-se como potencializador de novos pensamentos sobre ensino de Filosofia.

O artigo de Luis Cesar Fernandes de Oliveira, **Ensinar (Filosofia) com a solidão**, apresenta, principalmente a partir da obra *Assim falou Zaratustra*, escrita entre 1883 e 1885, uma problematização acerca do conceito de solidão atrelado corriqueiramente à amargura e à tristeza e, o conseqüente rechaço da solidão de modo contundente até aos dias atuais. Convida-nos a percorrer as relações propostas por Nietzsche, entre a constituição da memória, o desenvolvimento da consciência e a construção do sentimento gregário do homem na conservação da espécie, estas instituídas por meio de castigo e adestramento, como elementos centrais na compreensão da solidão em um sentido pejorativo. Traz a solidão vivenciada por Zaratustra como viabilidade de abertura do homem para a superação de si e, nestes termos, nos dá a pensar sobre a possibilidade de um ensino de Filosofia “com” a solidão, expressa na consideração do professor de que “a superação de si mesmo como aquele que ensina é um exemplo a ser observado”. Um texto que instiga a pensar sobre o ato de ensinar filosofia que implique a experiência solitária de transformação de si e problematize a pretensão de transformação do outro que nos acomete muitas vezes.

Rafael da Silva Cortes nos convida a pensar sobre as experiências interdisciplinares ocorridas nas aulas de filosofia no Colégio de Aplicação da UFRGS, em Porto Alegre, no artigo intitulado **A reestruturação do currículo do Ensino Médio e a interdisciplinaridade**. O autor faz uma discussão dos documentos nacionais, pós LDB 9394/96, os quais tratam da reforma do Ensino Médio numa perspectiva interdisciplinar. Os conceitos de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade são cuidadosamente desenvolvidos e analisados; na sequência são apresentados três exemplos de aulas interdisciplinares realizadas no CAP/UFRGS; cada um dos exemplos toma um componente curricular como centro para o diálogo e ações interdisciplinares. Eis a riqueza do texto de Rafael: seu cuidado conceitual aliado à descrição pormenorizada de experiências interdisciplinares em sala de aula de uma escola de Ensino Médio.

Na sequência, com o mesmo tema em análise, Altair Fávero e de Ana Lúcia Kapczynski nos oferecem suas reflexões no artigo - **A Filosofia na reforma curricular do ensino médio pós LDB: habilidades e competências na formação para a cidadania**. Nele apresentam uma análise da reforma curricular do ensino médio brasileiro da década de 1990, tomando como documentos centrais os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Tendo como referência pesquisa desenvolvida na Universidade de Passo Fundo, os autores demarcam sua compreensão do contexto de tal reestruturação curricular e do papel atribuído à Filosofia, que naquele período ainda não era uma disciplina obrigatória e, por isso, situada no âmbito da interdisciplinaridade e da contextualização, conceitos-chaves em tais documentos.

Geraldo Balduino Horn e Wilson José Vieira com o texto **O Sentido e o Lugar do Texto Filosófico nas Aulas de Filosofia do Ensino Médio** demonstram sua preocupação com o uso do texto clássico de filosofia em sala de aula. Argumentam acerca da importância do desenvolvimento da habilidade da leitura de tais textos e da escrita como decorrência de sua compreensão. Não descartam que na aula de Filosofia sejam realizadas as leituras de textos não filosóficos, mas centram sua argumentação em favor do texto clássico de Filosofia e, para tanto, problematizam o método estrutural que se tornou o modelo de leitura nas universidades brasileiras. Afirmam que, "Se os textos de Filosofia são uma mediação

para o pensar, logo apenas com sua "frequentação", com o contato, com a prática contínua é possível o desenvolvimento de um pensar autônomo, de um filosofar".

O texto de Marcos Fábio Alexandre Nicolau - **A Bildung e a instituição escolar: o modelo hegeliano de escola** apresenta as ideias de Hegel acerca da educação escolar, entre elas a de ser responsável pela formação do homem, mais propriamente de sua formação cultural. A obra de Hegel, Discursos sobre Educação, é tomada como referência para trazer à luz os elementos que a escola, considerada como a transição da vida familiar para a sociedade civil, deve desenvolver para que assuma sua relevância em tal formação dos indivíduos. Ao mesmo tempo, o autor destaca as preocupações do filósofo para com a educação de seu tempo, dando ênfase a uma formação humanista na qual o importante "era transmitir aos jovens o conceito de uma vida completa", que deveria ser sustentada nos estudos das obras clássicas.

A Professora Cláudia Cisiane Benetti-UFSM entrevistou o professor de Filosofia Ronai Pires da Rocha-UFSM, que descreve sua trajetória de formação em Filosofia e o processo de constituição de seus interesses teóricos e atravessamentos destes na Educação e no ensino de Filosofia. Traz as relações entre a formação realizada nas Universidades e os efeitos desta nos trabalhos produzidos nas escolas de Ensino Médio, apontando o que considera problemático e que merece ser investido no campo de estudos do ensino de Filosofia. Brinda-nos com uma leitura histórica sobre o processo de entrada da filosofia como disciplina obrigatória no Ensino Médio e as transformações curriculares que permearam este processo, levantando que ainda avançamos pouco, no ensino de Filosofia, em relação a uma cultura didático-metodológica e também, em estudos no campo da linguagem. Discute à reformulação curricular proposta pelas DCNEM (2012) analisando a proposta de ensino por áreas de conhecimento e suas interconexões com a formação proposta nas Universidades. Analisa o PIBID como política pública em seu papel fundamental na formação dos futuros professores de filosofia que adentrarão as escolas de Ensino Médio. Temos então, com o professor Ronai, uma análise muito rica sobre a Filosofia e seu ensino, que nos permite problematizar os caminhos que estamos abrindo na contemporaneidade, quando nos dedicamos a ensinar e aprender.

Para finalizar esta edição trazemos o Relato de Experiência denominado - **Filosofia, Pedagogia e Teatro: sujeito, ensino e mobilização**, de autoria de Angela Zamora Cilento e Diego José da Silva. Os autores descrevem aulas de Filosofia em uma escola de ensino fundamental na cidade da São Paulo, durante o ano letivo de 2014. Tendo caráter interdisciplinar, as atividades desenvolvidas foram planejadas e executadas no contexto do PIBID/Filosofia da Universidade Mackenzie, cujo objetivo primeiro era produzir a sensibilização para o ensino da filosofia, tendo como referência alguns componentes artísticos. Certamente uma importante contribuição para nossos leitores.

Desejamos a todos um ótima leitura!

Elisete M. Tomazetti
Cláudia Cisiane Benetti
Editoras